

O 'octênio' de Fernando Henrique

José Murilo de Carvalho

• Tito Lívio escrevia história por décadas. O presidencialismo republicano levou historiadores brasileiros a escreverem a História da Primeira República por quadriênios. Depois de 1930, os períodos presidenciais se embaralharam: 15 anos, 5 anos, 4 anos, 8 anos. Mas permaneceu a inconveniência de pontuar a História por mandatos presidenciais. Pontuação pobre porque exclusivamente política e personalista: não dá conta da dinâmica social e cultural, nem das conjunturas e dos ciclos econômicos.

Mesmo que se adote a pontuação presidencialista, a imagem de um governante não pode limitar-se ao período do mandato. Ela depende da avaliação que merecerem antecessores e sucessores. Quanto

piores os antecessores e sucessores, melhor quem vem no meio, quanto melhores, pior. A imagem futura do *octênio* de Fernando Henrique Cardoso vai depender tanto dele quanto da avaliação de Sarney e Collor, e do desempenho de Lula.

Alongando a vista, percebe-se que os grandes temas, ou as grandes aspirações coletivas, do Brasil pós-30 foram a justiça social, a liberdade política e o desenvolvimento econômico. Parodiando os positivistas, pode-se dizer que os bons republicanos pós-30 tinham por lema: "A liberdade por princípio, o desenvolvimento por base, a justiça social por fim". Para desgraça nossa, os três ingredientes nunca se materializaram simultaneamente. O social descolou-se da liberdade com Getúlio, a liberdade e o desenvolvimento separaram-se do social com JK, o

desenvolvimento se deu contra a liberdade na época dos presidentes-generais. Mas uma coisa se pode afirmar com segurança: os presidentes eleitos pelo voto popular que conseguiram entrar para o panteão republicano ligaram seu nome fortemente a um ou dois dos três temas: Getúlio à questão social, JK à liberdade e ao desenvolvimento econômico. Os outros, ou não ligaram nada a nada, ou o fizeram de maneira pouco convincente. Continuam no limbo, de onde dificilmente sairão.

Por esse critério de longo prazo, como a História veria o *octênio* que termina? O presidente quis combinar os três componentes (em cinco dedos), planejando escaloná-los em dois quadriênios. No primeiro quadriênio, concentrou-se na liberdade política e preparou as bases pa-

ra o desenvolvimento econômico, adiado para o segundo, ambicionando repetir a fórmula de JK. Mas foi atropelado pela crise cambial no início do segundo mandato. A liberdade foi mantida, mas o desenvolvimento não se materializou. Com liberdade, mas sem desenvolvimento, o social foi atendido sem ser prioridade, gerando na imagem do governo impacto menor que o merecido.

Com tal desempenho inconcluso, a imagem futura do presidente será sem dúvida mais positiva do que a dos antecessores imediatos. Quão positiva, vai depender do sucessor. Se este fizer muito melhor, o *octênio* entrará para a História como medíocre; se muito pior, dele teremos saudades, como de JK.

JOSÉ MURILO DE CARVALHO é historiador.